

## HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS PARA O ENSINO DA LÍNGUA MATERNA

COMIC BOOKS IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION: PEDAGOGICAL POSSIBILITIES FOR MOTHER LANGUAGE TEACHING

HISTORIETAS EN LA EDUCACIÓN INICIAL: POSIBILIDADES PEDAGÓGICAS PARA LA ENSEÑANZA DE LA LENGUA MATERNA

### Bruno Fernandes Alves

Doutorando em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Mestre em Comunicação – UFPE. Docente na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) no Departamento de Educação (DEd) e Pesquisador na temática da educação e dos quadrinhos. Recife, Pernambuco, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5811-724X>

E-mail: [brunoalves65@gmail.com](mailto:brunoalves65@gmail.com)

### Eduarda de Andrade Lima Ferreira

Graduanda do curso de Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco. Recife, Pernambuco, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9842-1166>

E-mail: [dudaandradelf@gmail.com](mailto:dudaandradelf@gmail.com)

### Sirlene Barbosa de Souza

Doutora em Educação pela UFPE. Docente na Universidade Pernambuco (UPE). Pesquisadora na temática Formação de Professoras, Alfabetização e Letramento, Práticas sociais da leitura e da escrita. Recife, Pernambuco, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1826-3971>

E-mail: [sirlenesouza23@yahoo.com.br](mailto:sirlenesouza23@yahoo.com.br)

### RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo analisar as contribuições das Histórias em Quadrinhos na formação leitora das crianças da Educação Infantil; examina-se, dessa forma, como essas contribuições dialogam com a perspectiva do letramento. Como metodologia, optamos pela pesquisa bibliográfica, ao discutir, à luz das ideias de autores mais contemporâneos, a história das HQs (PAIVA, 2016; NETTO; VERGUEIRO, 2018; VERGUEIRO, 2006; RAMOS, 2017; SILVA, 2012; BARI, 2008). Investigou-se, também, o uso de HQs no processo de ensino e aprendizagem da leitura, nessa etapa escolar (BRANDÃO; ROSA, 2010; SOLÉ, 1998; ROMAN; STEYER, 2001; SOARES, 1998). Ainda nessa direção, fizemos uma análise de artigos, que tratavam dessa temática, em sites como Anped e Scielo. O resultado da investigação sobre esse gênero textual apontou que as histórias em quadrinhos, por fazerem parte do cotidiano das crianças, podem contribuir para ampliar as possibilidades de letramento na Educação Infantil, de maneira lúdica e prazerosa.

**Palavras-chave:** Histórias em Quadrinhos; Educação Infantil; Ensino da língua materna.

### ABSTRACT

This paper aims to analyze the contributions of comic book on the development of children's reading skills in early childhood; hence, it is examined how these contributions dialogue with the perspective of literacy. The chosen methodology was bibliographic, and the goal is to discuss, in the light of contemporary authors ideas, the history of comics (PAIVA, 2016; NETTO; VERGUEIRO, 2018; VERGUEIRO, 2006; RAMOS, 2017; SILVA, 2012; BARI, 2008). It is investigated, as well, its uses in the teaching and learning of reading, in this school stage

(BRANDÃO; ROSA, 2010; SOLÉ, 1998; ROMAN; STEYER, 2001; SOARES, 1998). Thus, we analyzed scientific papers available on Anped and Scielo websites. The result showed that this textual genre, since it is part of children's everyday life, can contribute to extend literacy possibilities in Early Childhood Education, in an enjoyable and ludic way.

**Keywords:** Comics; Child education; Native language teaching.

## RESUMEN

Esta investigación tuvo como objetivo analizar las contribuciones de las historietas en la formación lectora de los niños en la educación inicial; estudia, de esa forma, como esas contribuciones dialogan con la literacidad. Como metodología, optamos por la revisión bibliográfica, para discutir, desde las ideas de autores contemporáneos, la historia de los cómics (PAIVA, 2016; NETTO; VERGUEIRO, 2018; VERGUEIRO, 2006; RAMOS, 2017; SILVA, 2012; BARI, 2008). Se investigó, también, el uso de las historietas en el proceso de enseñanza-aprendizaje de la lectura, en esa etapa escolar (BRANDÃO; ROSA, 2010; SOLÉ, 1998; ROMAN; STEYER, 2001; SOARES, 1998). Asimismo, se analizaron artículos sobre esa temática, en páginas web como Anped y Scielo. El resultado de la investigación sobre ese género textual indica que las historietas, por formar parte del cotidiano de los niños, pueden contribuir para ampliar las posibilidades de literacidad en la educación inicial, de forma lúdica y placentera.

**Palabras-clave:** Historietas; Educación inicial; Enseñanza de la lengua materna.

## INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, mesmo que em condições específicas, a língua escrita faz parte do cotidiano; portanto, a leitura e a escrita se constituem como habilidades essenciais para que o indivíduo participe dos vários eventos em que ela se encontra presente. Logo, a língua escrita é um patrimônio cultural e a aprendizagem para seu uso efetivo deve ser entendida como direito de todos os cidadãos — para que se estabeleçam e se desenvolvam nas diversas relações.

Assim, por vivermos em uma sociedade grafocêntrica<sup>1</sup>, a leitura e a escrita fazem parte do cotidiano das crianças antes mesmo de elas ingressarem na educação formal; assim, é de fundamental importância que, já nos anos iniciais da escolarização - ou seja, nas turmas de educação Infantil - as crianças vivam situações de gêneros textuais que fazem parte do seu universo, para que nelas desperte o prazer pela leitura.

Segundo Vigostsky (1984), as crianças são capazes de descobrir a função simbólica da escrita e até começar a ler aos quatro anos e meio. Brandão & Leal (2010), dialogando com o autor referendado, e acrescentam que o problema maior não reside na questão da idade em que a criança deveria começar a ler e a escrever, mas sim no fato dessas

---

<sup>1</sup>Sociedade em que é centrada na escrita.

atividades serem vivenciadas nas pré-escolas de forma sistemática; leitura e escrita são atividades culturais complexas, em que a criança aprende as finalidades e a funcionalidade da língua escrita antes de aprender a sua estrutura de funcionamento.

A partir do disposto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96), a Educação Infantil (doravante EI), passou a configurar, dentro dos parâmetros legais e oficiais, como primeira etapa da Educação Básica; essa educação deve ser ofertada a crianças de 4 a 6 anos de idade, em ambientes que propiciem o acesso e a ampliação dos conhecimentos da realidade social e cultural (SOUZA, 1998). Nessa perspectiva, esses ambientes se configuram como espaços pertencentes e formadores de uma dada cultura, onde as crianças vão negociando, compartilhando e criando também suas próprias culturas, nas relações que estabelecem entre elas e também em suas relações com os/as adultos/as.

A prática do respeito para com a criança, enquanto ser que atua em seus processos formativos, que pensa e aprende a aprender na relação com o outro e com o meio, ainda não parece estar consolidada. Oliveira (2011) pontua que a criança não é um adulto em miniatura; desse modo, ela não pensa nem se comporta como tal, mas suas ações são condizentes com a sua condição de ser criança. A sua realidade se forma progressivamente, construindo-se e reconstituindo-se aos poucos na sociedade, a partir do contexto histórico e cultural em que se encontra.

[...] a criança atravessa determinados estágios de desenvolvimento cultural, cada um dos quais caracterizados pelos diferentes modos pelos quais a criança se relaciona com o mundo exterior; pelo modo diferente de usar objetos; por formas diferentes de invenção e diferentes técnicas culturais... (VIGOTSKY; LURIA, 1996, p. 214 apud ROMAN; STEYER, 2001).

Um dos desafios nas salas de aulas na pré-escola é oportunizar aos alunos experiências focadas em situações problematizadoras. Estas práticas devem ser voltadas para um trabalho pedagógico e direcionadas para a pesquisa e a interdisciplinaridade<sup>2</sup>, através da construção dos conhecimentos; ao mesmo tempo, essas práticas devem ocorrer por intermédio de uma experiência de aprendizagem prazerosa, significativa e por

---

<sup>2</sup> A interdisciplinaridade é um elo entre o entendimento nas suas mais variadas áreas. Sendo importante, pois, abrangem temáticas e conteúdos permitindo dessa forma recursos inovadores e dinâmicos, onde as aprendizagens são ampliadas (BONATTO, et al, 2012). Envolve em uma temática/atividade mais de um conteúdo.

meio de atividades lúdicas e criativas — que favoreçam o desenvolvimento da criança em seu contexto social (ROMAN; STEYER, 2001).

É necessário que o espaço escolar da EI propicie a vivência de situações em que o contato das crianças pequenas com a leitura e a escrita assegure a elas o prazer de agir por meio de recursos da nossa cultura, sem ferir em seus direitos de aprender brincando (BRANDÃO; LEAL, 2010, p. 8).

São estruturantes do trabalho com as crianças do 0 a 5 anos de idade — como posto nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil os eixos: interações e brincadeiras (BRASIL, 2010). Assim, o processo do alfabetizar letrando na EI compreende-se de fundamental importância, pois, segundo os estudos de Ferreiro e Teberosky (1985), as crianças formulam, desde cedo, hipóteses acerca das funções e funcionamento da escrita; as atividades, porém, devem ser propostas a partir de uma perspectiva sociointeracionista, que alerte para a importância do papel da escola na inserção das crianças na cultura escrita desde cedo (BRANDÃO; ROSA, 2010).

O professor se configura como um mediador que promove a ampliação do repertório textual das crianças, tendo como principal foco ampliar o letramento das crianças, sem que isso seja visto/vivenciado por elas de forma negativa.

Assim, acreditando nesse processo, as Histórias em Quadrinhos (HQs) se inserem como um artefato cultural, gênero e instrumento didático que pode contribuir, amplamente, para a aprendizagem dos educandos no tocante à língua escrita — para estimular o gosto pela leitura.

Dentre as características das HQs que mais chamam a atenção das crianças, estão: as imagens, o tamanho, sua estruturação, o diálogo entre os personagens e as onomatopéias. Acreditamos, dessa forma, que a utilização de HQs pode gerar curiosidade e interesse pela leitura e incentivar uma participação mais ativa nas atividades propostas nos espaços escolares, pois há forte identificação dos estudantes com esse gênero e com os ícones de *cultura de massa* — entre os quais se destacam os personagens dos quadrinhos (VERGUEIRO, 2006).

Diante do exposto, essa pesquisa teve como objetivo analisar e discutir as contribuições das HQs para a inserção das crianças no “mundo da escrita”, na perspectiva do letramento e formação leitora das mesmas; por consequência, almeja-se conhecer e

analisar, a partir dos resultados de pesquisas, as atividades propostas para o trabalho com as HQs e as contribuições dessas no/para o processo de ensino e aprendizagem da língua materna, nesse segmento de ensino.

Como procedimentos metodológicos, realizamos uma pesquisa bibliográfica, que segundo Gil (2002, p. 44), “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Ela se baseia na consulta a trabalhos de natureza teórica e na comparação de dados obtidos pelo pesquisador com aqueles fornecidos por outros estudos.

Dialogando com o autor supracitado, Barros e Lehfeld (2000), acrescentam que, no processo de formação do acadêmico, a pesquisa bibliográfica apresenta grande eficácia, pois atribui ao pesquisador uma postura científica em relação: (1) à elaboração de informações de produções científicas já existentes, (2) à elaboração de relatórios e (3) à sistematização do conhecimento que lhe é transmitido no dia-a-dia.

Nessa mesma direção, buscamos analisar e refletir, à luz das ideias apresentadas por estudiosos da área (BRANDÃO; ROSA, 2010; SOLÉ, 1998; ROMAN; STEYER, 2001; SOARES, 1998), sobre trabalhos com a linguagem nesse segmento de ensino.

Sobre o trabalho com as HQs na escola, por sua vez, utilizamos os estudos realizados por Paiva (2016), Netto e Vergueiro (2018), Vergueiro (2006), Ramos (2017), Silva (2012) e Bari (2008), buscando um diálogo entre esses trabalhos e esse gênero textual na escola, especificamente com crianças da Educação Infantil.

### **Contextualizando a Educação Infantil**

A Educação Infantil corresponde à primeira etapa da educação básica e tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança [...] em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (BRASIL, 1996).

No Brasil, seu público-alvo já oscilou entre crianças de zero a 6 anos de idade. De acordo com a Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1988, Art. 03, a educação infantil era ofertada em: I - creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade; II - pré-escolas, para as crianças de quatro a seis anos de idade, compreendendo assim a faixa etária da EI.

Atualmente, a partir da modificação constituída pela LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) em 2006, onde antecipa o ensino fundamental para os 6 anos de idade, a Educação Infantil passou a atender a faixa etária de zero a 5 anos. Historicamente, o segmento da Educação Infantil possuía, fundamentalmente, um caráter assistencialista (PACHECO, 2004). Assim, a prioridade era cuidar da higiene, da alimentação e da segurança das crianças; entretanto, o trabalho direcionado para o aspecto educativo, por sua vez, não era valorizado.

As primeiras instituições de Educação Infantil nasceram na França, nos séculos XVII e XVIII, como resposta à situação de pobreza e abandono das crianças pequenas (FOREST; WEISS, 2008). Tais instituições, pensadas como uma extensão da família, “associado com o trabalho materno fora do lar” (BUJES, 2001), era resultado de uma sociedade que estava em mudança, a partir de um contexto de desenvolvimento industrial em expansão. Neste contexto, surgia a necessidade de se ampliar a mão de obra, o que levou as mulheres a trabalharem fora de casa. Esta mesma configuração de sociedade também chegou ao Brasil, em torno do século XX; as instituições, por sua vez, também apresentavam esse caráter assistencialista.

Em 1998, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, documento construído pelo Ministério da Educação (MEC), passou a orientar o trabalho pedagógico nas creches e pré-escolas de todo o país, sistematizando os conhecimentos necessários para essa etapa de ensino. Dentre as mudanças que emergiram na época, Kramer (2006), destaca o reconhecimento da criança como criadoras de cultura e produzidas na cultura. A partir de então, intensificaram-se os debates acerca da valorização e dos saberes trazidos pelas crianças.

Nesse contexto, a EI passou a ser entendida como a etapa inicial da educação formal. Segundo o documento referendado, “as crianças possuem uma natureza singular, que as caracteriza como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio e com o meio que as circunda, nas interações que estabelecem desde cedo com as pessoas que lhe são próximas” (BRASIL, 1998, p. 21).

Desse modo, pensar na formação leitora, desde a Educação Infantil, requer pensar nos conceitos de criança e infância vigentes na sociedade contemporânea e em seus postulados que direcionam diretamente os processos educativos, fazendo assim um

reflexo e apontamentos de sua trajetória e concepções de criança/infância trazidas pelos autores postos aqui para o estudo.

A concepção de infância não se apresenta de forma homogênea, nem mesmo no interior de uma mesma sociedade e época. A infância é diferente, ela é dependente do contexto, da vivência de cada região e dentro dessa mesma região, do grupo étnico e social, a que as crianças pertencem (BRASIL, 1998, p.21).

Durante muito tempo a concepção de infância permeava a ideia de um ser inferior, tratada como alguém com perspectiva de “vir a ser”, mas que ainda não é (ROMAN; STEYER, 2001). Assim, não se compreendia a criança como dotada de desejos, anseios, onde precisam viver e experimentar aquilo que seja pertencente a ela, da sua própria cultura, do seu espaço, da cultura infantil.

Porém, nas últimas duas décadas, no Brasil, temos presenciado uma significativa e crescente preocupação quanto ao atendimento das crianças desse segmento da Educação Básica. A criança atua em seu contexto sendo modificada ao mesmo tempo em que modifica o meio; logo, elas não se aproximam passivamente dos objetos culturais que lhes são oferecidos pelo mundo adulto, que é também seu mundo.

Meninos e meninas fazem suas próprias leituras e interpretações, apropriando-se, reproduzindo e também transformando. Assim, a criança atua sobre a cultura, ao mesmo tempo que possui sua própria cultura — a cultura infantil (SILVA, 2012). Como afirma Benjamin (1984 apud SILVA, 2012), a criança constrói o seu próprio mundo inserido em um mundo maior.

### **Breve histórico das histórias em quadrinhos**

Podemos afirmar que as histórias em quadrinhos surgiram no século XIX, a partir da produção de diversos autores, entre eles aquele que é considerado o pai dos quadrinhos modernos, Rudolph Töpffer, por ter apresentado “a primeira relação interdependente de palavras e figuras na Europa”. (McCLOUD, 1995, p. 17). No entanto, a caracterização dos quadrinhos, como conhecemos atualmente, se fortalece e ganha o mundo através das configurações presentes nos Estados Unidos da América — no século XIX. Inicia-se, efetivamente, em outubro de 1896, quando Richard Fenton Outcault publica uma

ilustração diferenciada da série de humor *The Yellow Kid* (O Menino Amarelo) (PAIVA, 2013). O autor, dessa maneira, colocou a fala da personagem escrita dentro do desenho, dita na primeira pessoa do singular, ao invés de aparecer na legenda e em discurso indireto — como era escrito anteriormente (BRAGA; PATATI, 2006).

Após a Segunda Guerra Mundial, o ambiente de desconfiança em relação às HQs e a educação floresceram, a partir também dos Estados Unidos da América; a “caça às bruxas” dos gibis teve como principal aliado o psiquiatra alemão Dr. Fredric Wertham, que alertava em diversos artigos acerca dos malefícios dos mesmos, tais como maus comportamentos e transgressões daqueles que faziam usos das HQs (PAIVA, 2013).

Essa visão dos malefícios das revistas em quadrinhos foi disseminada para outros países, inclusive no Brasil. Isso dificultou a entrada do gênero nas salas de aula e adiou essa inserção por várias décadas.

A “volta por cima” das HQs se deu a partir dos anos 1960, por meio do desenvolvimento das Ciências da Comunicação e dos Estudos Culturais. Os europeus foram os primeiros a enxergar o potencial dos quadrinhos como artefato cultural e artístico, dando início, assim, ao processo de legitimação cultural dos quadrinhos, atualmente bem avançado.

O importante é constatar que as coisas mudaram, embora mais lentamente do que gostaríamos. As últimas gerações cresceram na percepção de que grande parte da resistência contra as HQs era desprovida de fundamento, sustentada mais por afirmações preconceituosas em relação ao meio do que por aquilo que a realidade demonstrava a leitores e apreciadores dos produtos quadrinísticos (NETTO; VERGUEIRO, 2018, p.8).

A partir do século XX, as HQs passam a ser disseminadas com força total. Segundo Netto & Vergueiro (2018), no Brasil muitas editoras de livros perceberam sua eficácia como recurso pedagógico que contribuiria para que as crianças tivessem uma aprendizagem prazerosa e dinâmica; sendo assim, as editoras passam a incorporá-las em seus conteúdos.

Uma das primeiras publicações com o objetivo escolar das HQs foi realizada pela editora do Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas (IBEP), com as séries de Julierme de Abreu e Castro, geógrafo e historiador (1931-1983), na década de 1960. O primeiro livro é de 1967, de geografia e em 1968, foram lançados os livros de história (NETTO; VERGUEIRO, 2018, p. 22).

As restrições quanto ao uso das HQs na escola como, recurso pedagógico, ainda existem. Porém, com a recomendação de sua utilização pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), as HQs passam a serem distribuídas em projetos estaduais e federais de leitura, sendo aconselhada no processo de ensino e aprendizagem. O PNBE (MEC) – *Programa Nacional Biblioteca da Escola* é um desses projetos, com o objetivo de promover o acesso à cultura e o incentivo à leitura nos alunos e professores por meio da distribuição de acervos de obras de literatura, de pesquisa e de referência. Desde então, várias obras surgiram com o objetivo de utilizar a linguagem dos quadrinhos com fins pedagógicos, o que resultou em um número maior de escolas aderindo à sua utilização.

Levando em consideração o percurso das HQs, várias foram nossas buscas acerca das definições desse gênero textual; assim, encontramos um leque de conceitos. Will Eisner<sup>3</sup>, considerado um mestre dos quadrinhos, cunhou o termo *arte sequencial* para designar as histórias em quadrinhos. Ao fazer uso desse termo, ele as conceituou como sendo uma forma artística e literária que lida com a disposição de imagens ou imagens e palavras para narrar uma história ou dramatizar uma ideia (EISNER, 1990).

Scott McCloud, quadrinista americano, criou uma espécie de verbete de dicionário para designá-la, como exposto a seguir:

**Histórias em quadrinhos.** s. pl., usado como um verbo. 1. Imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada destinada a transmitir informações e/ou a produzir uma resposta do espectador (MCCLOUD, 1995, p. 9).

A partir dessas definições, podemos verificar que as HQs são entendidas como um “texto arte” que se dá em sequências; em segundo, temos como imagens pictóricas que é baseado em desenhos gráficos e outras formas de representação visual, com funções de transmitir informações. Assim, em consonância com Paiva (2016, p. 17), podemos defini-las como:

[...] um tipo específico de arte. Não é literatura, não é pintura nem é desenho, é sim uma junção de várias expressões artísticas, mas que forma uma que se diferencia das demais. É uma linguagem e também uma forma

---

<sup>3</sup> Autor já falecido, trabalhando há mais de 70 anos na área. É referência em desenho e roteiro, produzindo obras em quadrinhos e obras sobre quadrinhos. Há um prêmio com seu nome considerado o Oscar em HQs mundiais.

de comunicação, além de ser um meio de entretenimento. Faz parte de nosso cotidiano e, portanto, presente nas relações educacionais.

As HQs também são consideradas como uma mídia interativa, pois possibilita o leitor interagir com texto através da disposição de suas imagens e corroborando quando Eisner as apresenta como “habilidades interpretativas visuais e verbais”, baseado no que o leitor interpreta, sendo o responsável pelo andamento da narrativa (NETTO; VERGUEIRO, 2018, p. 36).

Sendo assim, as HQs dialogam com o leitor a partir daquilo que é representativo para ele, de seus conhecimentos prévios, das suas vivências — além de estimular seu lado lúdico, imaginação e criatividade.

Além disso, pelo fato das histórias em quadrinhos fazerem parte do nosso cotidiano, é muito comum vê-las incluídas no repertório de leitura das crianças, adolescentes e de adultos e sendo exploradas como recurso até mesmo em processos seletivos educacionais, a exemplo do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM); confirma-se, desse modo, que elas se constituem como um material de apoio didático importante e rico (RAMOS, 2006).

As histórias em quadrinhos configuram-se como parte do processo de educação, pois, são parte da produção histórica humana e compõem as relações sociais e culturais (PAIVA, 2016), além de dispor de elementos textuais assim como visuais, onde ambos devem andar em conjunto, a fim de estabelecer sentido e transmitir uma mensagem/ideia.

Pagnoncelli (2008), em um estudo com o objetivo de conhecer as influências do gênero textual no processo de construção de sentido, a partir da sua função/intenção e contexto que está inserido, constatou que:

[...] gêneros textuais são tipos específicos de textos de qualquer natureza, literários ou não. Tanto na forma oral como na escrita, os gêneros textuais são caracterizados por funções específicas e organização retórica mais ou menos típica. São reconhecíveis pelas características funcionais e organizacionais que exibem e pelos contextos onde são empregados. Gêneros textuais são formas de interação, reprodução e possíveis alterações sociais que constituem, ao mesmo tempo, processos e ações sociais e envolvem questões de acesso (quem usa quais textos) e poder (PAGNONCELLI, 2008, p. 13).

Relacionando a linguagem verbal, a linguagem textual e o gênero que em comum perpassa o seu processo que é dinâmico e, ao mesmo tempo, sofre influências sociais que

não são lineares, é preciso ter em mente que “o uso da língua é moldado pelas estruturas sociais e práticas habituais de maior ou menor estabilidade e persistência. Na ação social, o produtor de texto molda a linguagem em texto como gênero” (KRESS apud SANTOS; MENDONÇA; CAVALCANTE, 2007, p. 29). Assim, é nesse sentido que as HQs se constituem como importante recurso didático para o trabalho nas salas da Educação Infantil, por se apresentarem também, em diferentes suportes textuais. O mais conhecido desses recursos é o gibi<sup>4</sup> — que se encontra em grande quantidade na sala de aula desse segmento de ensino; outros formatos se dispõem, também, através de tiras que se popularizaram por meio dos jornais, assim como o cartum<sup>5</sup> e a charge<sup>6</sup>.

Exposto os contextos que envolveram as trajetórias e definições das HQs ao longo dos anos, a seguir, apresentaremos alguns resultados de pesquisa que se debruçaram em analisar o uso dessas histórias em turmas da Educação Infantil, buscando um diálogo acerca das contribuições do trabalho com esse gênero na pré-escola na perspectiva do alfabetizar letrando.

### **As HQs na escola como recurso pedagógico no ensino da língua materna em turmas da Educação Infantil**

Resultados de pesquisas desenvolvidas por Ferreiro & Teberosky (1993), mostraram que a criança, desde muito cedo, cria hipóteses sobre a escrita — o que ela representa e sobre a sua função social — e, portanto, antes mesmo de ingressarem na educação formal, já “percebem” que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas, importantes.

[...] antes mesmo de entrar na escola, as crianças já têm bastante contato com a língua escrita através de textos escritos de gêneros diversos e que a relação que estabelecem com a mesma, é de natureza social, pois que a veem como elementos que são usados para transmitir “verdades”, mesmo quando essas são transmitidas através de textos fictícios (histórias, contos, lendas...) ou reais (jornais, revistas, embalagens...) (FERREIRO;TEBEROSKY, 1993, p.391-392).

---

<sup>4</sup>No Brasil, se tornou sinônimo de HQs. Algumas vezes sinalizadas apenas como arte sequencial. Nos EUA, por exemplo, usa o termo Comics, uma referência a sua origem cômica nas tiras de jornal. (PAIVA, 2016).

<sup>5</sup>Anequeto gráfico. Em geral, uma única imagem que tem o objetivo de fazer rir, pensar. Pode ou não ter palavras.

<sup>6</sup>Tem por finalidade satirizar, por meio de uma imagem, algum acontecimento atual. Geralmente, tem um efeito regional e é atrelada a algum fato relevante do momento.

A proposta do “alfabetizar letrando” na EI, parte da perspectiva sociointeracionista que coloca em evidência a importância do papel da escola na inserção das crianças na cultura da escrita desde cedo, se distanciando de um modelo em que a aprendizagem dessas habilidades se daria por meio da repetição e da cópia distante de interesse e significados para elas. No tocante ao conceito de letramento, Soares (1998) o entende como um processo de inserção do indivíduo em práticas sociais em que a leitura e a escrita encontram-se presentes; ou seja, a partir de situações em que os textos tenham sentidos para as crianças, onde seja enfatizada a sua função social. Nesta mesma direção, o RCNEI (BRASIL, 1998, p. 121), define o letramento como sendo:

[...] produto da participação em práticas sociais que usam a escrita como sistema simbólico e tecnologia. São práticas discursivas que precisam da escrita para torná-las significativas. Dessa concepção decorre o entendimento de que, nas sociedades urbanas modernas não existe grau zero de letramento, pois nelas é impossível não participar, de alguma forma, de algumas dessas práticas.

Ensinar a língua materna na perspectiva do letramento significa ampliar as experiências do educando com o mundo da escrita e com as práticas sociais por ela mediadas, o que exige por meio destas experiências o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita de forma concomitante (SANTOS; MENDONÇA; CAVALCANTI, 2007). Nessas habilidades encontram-se, por exemplo, atividades como a elaboração e confecção de um convite em que a turma da EI poderá construir coletivamente para convidar os amigos das outras turmas para a exposição dos seus desenhos; isso se constitui uma rica oportunidade para que os educandos percebam a função social da leitura e escrita. O professor estaria oportunizando à turma, desta forma, a percepção da função social da escrita, através do gênero mencionado e a partir do trabalho com outros gêneros que fazem parte do cotidiano das crianças, ou seja, a partir de textos que circulam socialmente.

Por meio desse contato com os diversos gêneros orais e escritos, a criança tem oportunidade de ampliar o seu repertório textual e, por conseguinte, as suas experiências de letramento.

Não se trata de acelerar nada, nem de substituir a tarefas de outras etapas com relação a esse conteúdo (a leitura); trata-se simplesmente de tornar natural o ensino e aprendizagem de algo que coexiste com as crianças, que

interessa a elas, que está presente em sua vida e na nossa e que não tem sentido algum ignorar (BRANDÃO; ROSA, 2010, p. 20).

Através de análises bibliográficas de documentos que circulam nas redes escolares, verifica-se que eles enfatizam a prática de ensino e da aprendizagem da leitura e da escrita na perspectiva do “alfabetizar letrando”, nos dando subsídios teóricos e documentais para embasar nossa pesquisa. Segundo a política de ensino da Educação Infantil, conforme o Artigo 9º da Resolução CNE/CEB nº 05/09 (BRASIL, 2013<sup>a</sup>; p. 99), que fixa as DCNEI<sup>7</sup>, a proposta curricular deve contemplar atividades que:

- I - Promovam o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança;
- II - Favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical;
- III - Possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos.

Também no eixo intitulado *A Criança e a linguagem*, o RCNEI (BRASIL, 1998, p.131) pontua como objetivo desse eixo, no trabalho com crianças de 0 a 5 anos, a promoção das seguintes capacidades:

- Ampliar gradativamente suas possibilidades de comunicação e expressão, interessando-se por conhecer vários gêneros orais e escritos e participando de diversas situações de intercâmbio social nas quais possa contar suas vivências, ouvir as de outras pessoas, elaborar e responder perguntas;
- Familiarizar-se com a escrita por meio do manuseio de livros, revistas e outros portadores de texto e da vivência de diversas situações nas quais seu uso se faça necessário;
- Escutar textos lidos, apreciando a leitura feita pelo professor;
- Interessar-se por escrever palavras e textos ainda que não de forma convencional;

---

<sup>7</sup>Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010).

- Reconhecer seu nome escrito, sabendo identificá-lo nas diversas situações do cotidiano;
- Escolher os livros para ler e apreciar.

Para que o envolvimento das crianças ocorra com a linguagem propostas na sala de aula, é preciso que as aprendizagens aconteçam de forma integrada. As crianças devem se tornar sujeitos das suas próprias aprendizagens e precisam vivenciar propostas de atividades nos espaços das creches e pré-escolas que estejam articuladas com os elementos que são próprios da cultura infantil, através de brincadeiras e de atividades lúdicas que promovam um processo de interação entre elas, o outro, o meio e o brinquedo cultural, ou seja, o livro.

Nas DCNEI, documento que direciona os objetivos da Educação Básica, fica evidente a importância de se planejar com o foco na criança: assim, como está posto no Art. 4º. do documento, as propostas pedagógicas da Educação Infantil deverão considerar que a criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade (...) (BRASIL. 2013a, p. 97 apud Recife. Secretaria de Educação, 2015).

De acordo com Solé (1998, p. 90), “ler é muito mais do que possuir um rico cabedal de estratégias e técnicas. Ler é, sobretudo, uma atividade voluntária, prazerosa e quando ensinamos a ler devemos levar isso em conta”. Podemos utilizar a leitura de diversas maneiras e para realizar diferentes ações; para isso é necessário articular diferentes situações — oral, coletiva, individual e silenciosa, compartilhada — e encontrar os textos mais adequados para alcançar o objetivo posto em cada momento. A autora enfatiza que a única condição é que a leitura seja significativa, correspondendo a uma finalidade em que as crianças possam compreender e compartilhar (SOLÉ, 1998).

A escola tem papel fundamental de criar estratégias que despertem o gosto pela leitura das crianças, através de atividades lúdicas, de contação e de leitura de histórias, entendendo que é neste espaço em que elas estão inseridas diariamente, que também se constroem e se reconstroem.

Segundo Santos (2001, p. 3):

O fato de o hábito da leitura ter diminuído nas últimas décadas pode ser creditado a um fator cultural: o brasileiro não está sendo instigado a ler ou por causa da censura nos anos 70, ou devido à falta de incentivo por parte das escolas e dos pais, pelo número reduzido de bibliotecas ou até mesmo pela violência, que retira os jovens de classe média das ruas e impede sua incursão pelas bancas de jornal, onde encontram material que pode abrir as portas para a leitura, a exemplo da História em Quadrinhos. O preconceito existente contra os quadrinhos por parte de pais e educadores fecha a possibilidade de utilizar este veículo de comunicação para incentivar a leitura.

As HQs, por sua vez, aparecem para o público infantil como um artefato midiático de entretenimento envolvendo os mais diversos personagens, como aqueles produzidos pela Disney, como Tio Patinhas, Pato Donald e Mickey Mouse. No Brasil, as criações de Mauricio de Sousa são o grande destaque da produção de gibis que circulam em creches/escolas em atividades avaliativas, paredes, carimbos e demais objetos culturais.

Sendo assim, observa-se a constante presença desse gênero nas escolas, de maneira intencional ou não. Esse predomínio das HQs da Turma da Mônica é considerado pelas professoras de forma muito natural, sem estranhamento (SILVA, 2012), relacionando assim as HQs como gênero textual, em que é característica do mesmo ser dotado de uma plasticidade determinada pelas situações interativas sócio-históricas (SANTOS; MENDONÇA; CAVALCANTI, 2007).

Salientamos que, assim como acontece com os livros literários, os professores precisam estar atentos quanto à seleção das HQs para o trabalho nas salas de aula. O olhar do docente precisa estar voltado para a seleção das temáticas, o tamanho dos textos, a linguagem empregada, a configuração espacial, entre outros aspectos, com o objetivo de verificar se estas são adequadas à faixa etária, a fim de contribuir, para o despertar pelo gosto da leitura e para a percepção das várias funções da língua escrita.

Nessa direção, alguns dos autores apontam algumas limitações quanto ao uso das HQs nas escolas. Mendes (1990) chama a atenção para o fato de que as HQs são reprodutoras de ideologias, ideologias essas que se constituem e se reproduzem através de estereótipos de classe, sexo e raça (MENDES apud ALVES, 2001). Nesse sentido, em consonância com o autor supracitado, defendemos que, dependendo do tema, estes podem ser explorados com as crianças pequenas, a fim de propor reflexões acerca de determinadas ações/situações que fazem parte e são por elas, muitas vezes vivenciadas, no seu cotidiano. Um exemplo disso são as HQs da Turma da Mônica que trazem

personagens como Cebolinha, que vive em conflito com a Mônica, cuja relação envolve xingamentos, agressões e discussões.

A partir desses elementos, a professora pode refletir junto com as crianças acerca dos comportamentos dos personagens, a partir de indagações, tais como: “Será que é legal isso que, tanto Cebolinha como a Mônica, fazem um com o outro? Por que Cebolinha está sempre inventando planos infalíveis para a Mônica? É legal chamar o coleguinha de palavras que deixam ele triste? E bater com o coelho de pelúcia no Cebolinha?”. Tais comportamentos dos personagens podem servir como pano de fundo para trazer à tona discussões relacionadas ao bullying, levando as crianças a perceberem, ainda que não seja esse o fim para o trabalho com as histórias nesse segmento de ensino, que a leitura, além do divertimento, também traz questões importantes do dia a dia, para reflexão.

Nesta mesma perspectiva, apontamos as HQs protagonizadas por Chico Bento, outro membro da Turma da Mônica, que ao contrário dos personagens anteriormente mencionados, mora na zona rural. Por muito tempo, os livros didáticos limitavam-se a explorar as tirinhas com esse personagem solicitando aos alunos que reescrevessem o diálogo das suas histórias da “forma correta”.

Vejamos um exemplo de uma tirinha com o personagem referendado, a seguir:



Fonte: RAMOS, 2017, p. 56.

Ao contrário do que propunham as atividades desses livros didáticos e que ainda se encontram presentes nas práticas pedagógicas de muitos professores, acreditamos que essas tirinhas constituem-se como uma rica oportunidade para os alunos perceberem a variação linguística, as diferentes formas de se expressar das pessoas e os elementos condicionantes dessas manifestações, tais como o contexto onde ele desenvolve esse diálogo, questões regionais, a linguagem informal, entre outros aspectos. Uma vez que o

letramento se desenvolve a partir do contato com os diversos/diferentes gêneros, ter contato com diferentes formas de linguagem é fundamental para a inserção da criança no mundo da leitura/escrita, a fim de que elas percebam que existem diferentes e variados textos que nos permeiam.

É nesse contexto que se faz necessário pensar as HQs como textos que contribuem para o trabalho de maneira interdisciplinar podendo envolver não só a linguagem (língua portuguesa), mas, também, outras áreas dos conhecimentos como história, geografia, ciências, além dos temas transversais que permeiam o processo educativo.

Como bem coloca Ramos (2017), as HQs ampliam o rol de séries consultadas e aumenta a chance de se encontrar um tema ou uma narrativa que possam se adequar às necessidades didáticas do professor. É uma linguagem dinâmica, faz parte do acervo cultural de muitas crianças da faixa etária da EI e possibilita criar, recriar, interpretar, chama atenção das crianças o formato que ela é posta. Para Brandão e Ferraz (2011 apud Política de Ensino do Recife – Educação Infantil, 2015), o contato das crianças com os diversos textos que circulam socialmente pode ser feito por meio de três ações: leitura, produção de textos e reflexão sobre a língua. As atividades envolvendo a leitura de textos pelo (a) professor (a) contribuem para a ampliação do repertório textual da criança e de suas experiências de letramento. Através da interação com variados gêneros textual e suportes de leitura e escrita (como o livro ou o jornal), podendo usufruir de contos, poesias, estes também de extrema importância para desenvolver as práticas de letramento na Educação Infantil.

Segundo RAMA & VERGUEIRO (2006), pode-se dizer que o único limite para seu bom aproveitamento é a criatividade do professor e sua capacidade de bem utilizá-los para atingir seus objetivos de ensino. O que implica ao professor e professora em reconhecer-se como autor e autora de seu próprio processo formativo.

### **As HQs em turmas da Educação Infantil: o que dizem as pesquisas?**

Entendo que a pesquisa científica contribui para fomentar discussões e estudos acerca de temáticas que envolvem os processos educativos e o que acontecem nos espaços das instituições de ensino, buscamos estudos que tratavam da temática a que nos

dispomos a estudar neste trabalho – as histórias em quadrinhos como recurso pedagógico no ensino da leitura em turmas da Educação Infantil – realizamos uma busca em duas plataformas destinada à publicação de artigos acadêmicos: Scielo e Anped.

No período que foi realizada essa pesquisa no site da Scielo, encontramos apenas 2 trabalhos que tinham como objeto de estudo as Histórias em Quadrinhos envolvendo o público da EI: “*Histórias em quadrinhos: formando leitores*”, e, “*Histórias em Quadrinhos e Educação Infantil*”.

No site da Anped, por sua vez, no GT07 (Educação de crianças de 0 a 6 anos), no período de 2009 a 2018, apenas 1 trabalho foi encontrado, ele traz como temática: *Crianças, Culturas infantis e linguagem dos quadrinhos: entre subordinações e resistências*.

No entanto, foi possível encontrarmos um número maior de pesquisas relacionadas às HQs na plataforma do Congresso *Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos*, evento inicialmente bienal cuja primeira edição foi em 2011, sendo o primeiro congresso internacional com pesquisas sobre Histórias em Quadrinhos realizado na USP. Nessa plataforma, que envolve especificamente trabalhos que se desenvolvem a partir das discussões e apresentações provenientes do referido congresso nos anos 2013, 2015 e 2017, foram encontrados, nos eixos intitulados HQ e Educação e Quadrinhos, Educação e Letramento, 57 trabalhos, onde 19 falam no contexto da EI.

Desses trabalhos por nós encontrados, analisamos a pesquisa de Bari (2008) no qual a autora parte da premissa de que existe uma ligação entre o pleno usufruto da produção material e cultural da sociedade e o desenvolvimento de habilidades, competências, hábitos e gostos no âmbito da leitura, no qual encaminha para reflexões teóricas e no desenvolvimento da sua pesquisa de campo que envolveu o Brasil e o continente europeu.

No Brasil, a coleta de dados se deu na Escola de comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – ECA/USP no período de 2001 a 2007. Como objeto de estudo teve as HQs, como mídia e linguagem protagonista da leitura, em suas instâncias pública e privada, seja ela utilitária, educativa ou de lazer e fruição estética. Como objetivo geral, pretendeu analisar a efetividade das HQs na formação de leitores, no contexto da biblioteconomia e da educação (idem, p. 14).

A pesquisadora, na referida escola/universidade de São Paulo, na disciplina *Editoração de Histórias em Quadrinhos*, que conta com Waldomiro Vergueiro como

professor responsável pela turma e orientador da pesquisa, coletou amostras de redações cujo tema que estabeleceu para os alunos foi “Minha vida em Quadrinhos”, onde com o objetivo de analisar, através de redações desenvolvidas pelos alunos da disciplina, as contribuições que as HQs deixaram nestes adolescentes. Foram ouvidos 187 depoimentos de alunos e as análises relevantes que consistem para esta pesquisa dizem respeito ao tópico que elucida as marcas deixadas pelas HQs em suas infâncias, nas quais seus usos são lembrados até sua adolescência, estendendo até a sua fase adulta.

A análise dos depoimentos demonstrou que a leitura das HQs estabeleceu um ciclo de formação de habilidades, competências e gostos leitores, com a inclusão eclética de outros tipos de leitura, que contribui para o letramento dos indivíduos. Como resultado, a pesquisa mostrou, ainda, que em muitos dos relatos, as HQs apareceram como o primeiro recurso didático — os quais os entrevistados tiveram contato na sua infância —, assim desenvolvendo afinidade, relação com a leitura e até mesmo aprendendo a ler através deste material, sendo colocada como um instrumento interativo, em que favorece as relações com os pares.

Diante dos dados apresentados na pesquisa de Bari, podemos verificar que as HQs podem se constituir como um importante recurso didático nas salas da pré-escola, uma vez que, despertam nas crianças desde cedo, o interesse pela leitura por ser este um gênero textual que instiga a imaginação e o interesse deste público, além de proporcionar o contato das mesmas com a língua escrita e o desenvolvimento da leitura na perspectiva do letramento. Na pesquisa realizada por Bari, os resultados apontaram que o contato com as HQs contribuiu também para a ampliação e a utilização da língua com outros materiais de maneira significativa e representativa, e as HQs por sua vez, continuaram a fazer parte do acervo da cultura dos entrevistados que mantêm a leitura das mesmas vivas até hoje.

Nessa mesma direção, Silva (2012), desenvolveu uma pesquisa através de um estudo de caso em uma escola Municipal de São Bernardo do Campo/SP, município que durante muitos anos foi considerado referência para o trabalho em pré-escolas, com o objetivo da pesquisa de perceber como as HQs contribuíam para o processo de culturas infantis, a partir das experiências das crianças pequenas com a linguagem presente nesse gênero textual. A sua pesquisa se deu pelo fato de encontrar esse material nas escolas da rede referendada, porém, por vezes, seu uso pelas crianças ou pelas professoras, quando se

dava, acontecia sem muita reflexão e, ainda, devido ao interesse da pesquisadora pela característica específica das narrativas das HQs.

A pesquisa foi realizada através da observação participante, em uma turma do semi-integral. Chamadas de “semi-integral”, nas quais as crianças desta turma permanecem em dois dias na semana em período integral na instituição, sendo que, em um dos períodos estão nas salas “regulares” e no outro ficam no “semi”. Esta última, campo da pesquisa, composta por 26 alunos, sendo 13 meninos e 13 meninas, crianças de faixa etária de 3 a 5 anos de idade.

A professora investigada, àquela época, já lecionava há 20 anos na Educação Infantil daquela instituição, era leitora de histórias em quadrinhos tais como os gibis da Turma da Mônica, Menino Maluquinho, Calvin e Mafada e já havia realizado projetos com HQs, tendo como foco os personagens de Mauricio de Sousa com o seu grupo de alunos, em que teve oportunidade de conhecer pessoalmente juntamente com as crianças, este empresário e desenhista e seu estúdio.

É importante ressaltar que, geralmente, os professores que usam as HQs, em suas aulas como recurso pedagógico, são os que a conhecem ou tem uma certa afinidade pessoal com o gênero.

Na pesquisa foram realizadas observações em que os usos das HQs estavam presentes nas seguintes atividades propostas pela professora: Reconto dos Três Porquinhos, onde a partir desta narrativa, a professora pediu que as crianças recontassem a história em formato de HQs. O reconto insere-se, dentro da pré-escola, na área de Língua Portuguesa, como consta no Projeto Político Pedagógico (PPP) da instituição em que a pesquisa foi realizada, cujo objetivo consiste em desenvolver a capacidade textual dos alunos para que possam ter acesso aos bens culturais, resolver problemas cotidianos e participar plenamente da sociedade. Essas informações constam no PPP da escola, que define essas atividades em dois eixos: o oral e leitura e escrita.

Foi elaborada, também, uma série de atividades que consistia na explicação do que são os balões de falas, onomatopeias, requadros pela professora. A docente ensinava as crianças a fazerem quadrinhos coerente com a proposta pedagógica da escola, proposta essa, incoerente com os tempos e necessidades das crianças pequenas (SILVA, 2012). O

reconto, por sua vez, culminou na apresentação com data marcada deste material para as outras crianças da pré-escola.

A autora chama atenção para o fato de, em alguns momentos da produção, a professora fazer interferências por estar preocupada de os textos produzidos pelas crianças virem a se tornar públicos, entendendo aquele movimento para atender a uma demanda da visão do adulto e não na perspectiva da criança. Entendemos que o processo de construção dessa produção é muito mais importante do que qualquer resultado “final” que as crianças pudessem apresentar; o preparo para mostrar para alguém é irrelevante em se tratando do que consiste a aprendizagem, sendo esta estabelecida no seu processo e não no seu resultado final.

Assim, acreditamos que é mais significativo a utilização da produção das HQs desenvolvendo, por exemplo, uma possível releitura da história dos Três Porquinhos para o estímulo da imaginação; surgimento de hipóteses, assim como mostram os desenhos, vão surgindo palavras soltas, o ato de “fingir” que está escrevendo é importante e faz parte do contexto da EI. Assim, concordamos com BRANDÃO & ROSA (2010) que é preciso proporcionar atividades que busquem estimular a leitura e a escrita pelas próprias crianças em situações que elas “fazem de conta” que leem e escrevem.

Outra atividade sugerida pela professora que envolveu as HQs, foi a produção de tirinhas. Ela entregou as tiras já recortadas e dobradas em quatro partes às crianças, como forma de garantir que elas utilizassem aquela margem dos requadros, o que não surtiu efeito. Por não ter um tema definido a priori, isso possibilitou maior liberdade quanto aquilo que as crianças desejavam representar em suas produções. Assim como aconteceu na construção do reconto, a escrita da tirinha de maneira e a partir de um tema livre, fez com que houvesse trocas com os pares, tanto no que diz respeito à escolha sobre o que iriam escrever, como informações e sugestões acerca das temáticas.

Durante a produção, Silva percebeu que as narrativas construídas seguiam uma ordem: as conversas entre as crianças se davam em torno de como se daria a transformação de determinado personagem de um quadrinho para o outro e, nessa mesma perspectiva, várias outras questões foram surgindo de tirinha para tirinha, com diferentes representações, umas aumentando de tamanho de um quadrinho para o outro, outras diminuindo, trazendo movimento às tirinhas, etc. A autora pontua que a frequência

e o entusiasmo em realizar as atividades que envolviam os quadrinhos pelas crianças iam aumentando.

A pesquisadora também pontuou em seu trabalho, que entre os materiais presentes na sala de aula observada e na biblioteca, estavam em sua maioria os da Turma da Mônica, do empresário e escritor Mauricio de Sousa; Menino Maluquinho, A turma do Pererê, do autor Ziraldo. O que chama atenção da autora e nossa também é a preferência das crianças pelas personagens que parecem transgredir algumas normas, aquelas mais irreverentes, mais brincalhonas e mais engraçadas; em consonância a isso, aparecem nestas situações o que muito os críticos destacam, onde os conteúdos das HQs, por vezes, apresentam uma linguagem descuidada; temas nocivos, incluindo valores de ordem moral, política ou social, estranhos a nossa cultura (ABRAHÃO, 1997 apud ALVES, 2001).

Como um dos resultados da pesquisa, no que diz respeito às crianças pequenas percebeu-se aspectos da cultura simbólica da infância já incorporados em suas experiências, revelando deste modo aspectos presentes nas culturas vividas e produzidas por elas. Foi possível verificar o desejo da autonomia por parte das crianças; nesse sentido, assumiram o controle de determinadas situações como por exemplo, nos momentos destinados à leitura de HQs pelas crianças. Estas mostravam satisfação por conseguirem “ler” sozinhas. As crianças demonstraram ao longo de toda a pesquisa o desejo de ler (SILVA, 2012).

Percebemos algumas contribuições das HQs, tais como: interesse das crianças em realizar as atividades a partir das HQs, propiciando interpretações/reflexões/construção de sentido a partir do gênero, desenvolvimento das relações sociais. Ao mesmo tempo as suas limitações e cuidados que o professor deve considerar ainda com os conteúdos ideológicos que carregam, suas expectativas quanto às relações de gênero, relações étnico-raciais, de classe social e idade, aspecto este a ser considerado como em qualquer outro objeto cultural presente nas instituições: filmes, desenhos animados, livros infantis etc. Estando atento a isto ao criar seu planejamento, assim, cabe ao professor conhecer o gênero a fim de proporcionar atividades que irão atribuir de maneira a atingir seus objetivos pedagógicos, estes estando muito bem definidos.

#### **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo desta pesquisa buscamos tecer algumas considerações a partir de estudos bibliográficos e pesquisas sobre o uso das HQs, como recurso pedagógico para o trabalho na Educação Infantil, no tocante ao trabalho com a língua materna. Com base nas informações levantadas e nas questões suscitadas, concluímos que o trabalho com esse gênero, que faz parte do universo infantil, pode auxiliar no desenvolvimento do hábito da leitura de forma prazerosa e da percepção das várias finalidades e funcionalidades da língua escrita.

Defendemos que o trabalho com esse gênero textual pode contribuir para a discussão e reflexão de temáticas que fazem parte do cotidiano das crianças, tratadas de forma lúdica, criativa, dinâmica, através de desenhos e cores que retratam o mundo da criança, desenvolvendo a leitura crítica, além da possibilidade de analisar e perceber variações linguísticas e culturais por meio da fala dos personagens. O caráter elíptico de sua linguagem obriga o leitor a pensar e imaginar, o que contribui para o desenvolvimento social.

Longe de esgotar as possibilidades do trabalho com esse gênero no espaço da sala de aula da EI, destacamos ser importante que HQs estejam presentes nesses espaços compondo o seu acervo literário, desde que analisadas de maneira prévia pelo professor, assim como as demais literaturas, para que sejam selecionados àquelas que melhor atendam ao público a quem serão destinados. Ressaltamos a importância de estes materiais estarem ao alcance das crianças, e não guardados em armários fechados: se queremos que as crianças façam uso dos livros e de outros materiais escritos presentes diferentes suportes textuais.

Afirmamos que os desafios de alfabetizar letrando na Educação Infantil estão presentes e trazem consigo a necessidade de que sejam realizadas novas pesquisas que tenham como foco o ensino da leitura e escrita com crianças desse segmento. Acreditamos que novas e mais pesquisas que tenham como foco as HQs podem auxiliar esses profissionais a refletirem sobre as contribuições do trabalho com este gênero, ampliando, desse modo, sua visão e o seu leque de possibilidades de construção de metodologias de ensino que promovam a inserção e a continuidade do processo de aprendizagem da leitura e da escrita de forma prazerosa/lúdica.

## REFERÊNCIAS

ALVES, José Moysés. Histórias em Quadrinhos e educação. **Psicol. cienc. prof.**, v.21, n.3, Brasília, set. 2001.

BARI, Valéria Aparecida. **O potencial das histórias em Quadrinhos na formação de leitores:** busca de um contraponto entre os panoramas culturais brasileiro e europeu. São Paulo: USP, 2008.

BASSEDAS, Eulália; HUGUET, Teresa; SOLÉ, Isabel. **Aprender e ensinar na educação infantil.** Porto Alegre: Artmed, 1999.

BONATTO, Andréia *et al.* Interdisciplinaridade no ambiente escolar. **Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul**, v. 9, p. 1-12, 2012.

BRAGA, Flávio. PATATI, Carlos. **Almanaque dos quadrinhos: 100 anos de uma cultura popular.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

BRANDÃO, A. C. P.; ROSA, E. C. S. (org.). **Ler e escrever na Educação Infantil.** Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa.** 1º e 2º ciclos. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. **Referencial curricular nacional para a educação infantil.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Política de Ensino da Rede Municipal do Recife:** subsídios para atualização da organização curricular. Recife: Secretaria de educação, 2014.

BRASIL. **Política de ensino da educação infantil da rede municipal do Recife.** Recife: Secretaria de Educação, 2015.

BRASIL, **Referencial curricular nacional para a educação infantil /** Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, V. 3,1998.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília: Senado Federal, 2016.

BRASIL. INEP – ENEM **Exame Nacional do Ensino Médio.** Disponível em: <https://enem.inep.gov.br/>. Acesso em: 13 jul. 2018.

BUJES, M. I. E. Escola infantil: Pra que te quero? *In:* CARMEM, M. C.; GLADIS, E. P. S. **Educação Infantil: Pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FERNANDES, F. As “Trocinhas do Bom Retiro”: contribuições ao estudo folclórico e sociológico da cultura e dos grupos infantis. **Pro-posições**, Campinas, v. 15, n. 43, p. 229-231, jan. /abr. 2004.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **A psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FOREST, N. A.; WEISS, S. L. I. Cuidar e educar, perspectivas para a prática pedagógica na educação infantil. **Instituto Catarinense de Pós-graduação**, rev. 03-07. 23, out. / 2008.

GARCIA, E. Pesquisa Bibliográfica Versus Revisão Bibliográfica: uma discussão necessária, **Revista Línguas e Letras**, 2016.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GUIMARÃES, Edgard. **Estudos sobre História em Quadrinhos**. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2010.

KRAMER, Sônia. As crianças de 0 a 6 anos nas políticas educacionais no Brasil: educação infantil e/é fundamental. **Educação e Sociedade**, v. 27, n. 96, 2006.

LEHFELD, Neide Aparecida de Souza; BARROS, Aidil Jesus da Silveira. **Fundamentos de Metodologia Científica**: um guia para a iniciação científica. São Paulo: Makron, 2000.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em Educação**: abordagens Qualitativas. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

MAGDA B. S; BASTISTA A. G. **Alfabetização e letramento**: caderno do professor. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

MCCLLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: Makron Books, 2005.

NETTO, R.; VERGUEIRO, W. (coord.). **Coleção Quadrinhos em Sala de Aula**: estratégias, instrumentos e aplicações. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2018.

OLIVEIRA, Claudia Regina de. O conhecimento Social da criança e a educação infantil. In: ROMAN, Eurilda Dias; STEYER, Vivian Edite. **A criança de 0 a 6 anos e a educação infantil**: um retrato multifacetado. Canoas: ULBRA, 2001.

ORLANDI, E. P. **Discurso e Leitura**. 6.ed. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2001.

PACHECO, A. L. P. de B.; DUPRET, L. Creche: desenvolvimento ou sobrevivência? **Psicol.USP**, vol.15, n.3, pp. 103-116, 2004.

PAGNONCELLI, Magali. **A influência dos gêneros textuais no processo de construção de sentido do texto**. 2008. Disponível em:

[http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CELSUL\\_VIII/importancia\\_do\\_genero.pdf](http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CELSUL_VIII/importancia_do_genero.pdf). Acesso em: 10 set. 2020.

PAIVA, F. S. **Educação e Violência nas Histórias em Quadrinhos de Batman**. Recife: Editora UFPE, 2013.

PAIVA, F. S. MODENESI, T. **Quadrinhos e Educação em Cinco Ponto de Vista**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2013.

PAIVA, F.S. **Histórias em quadrinhos na educação: memórias resultados e dados**. 2016. Tese (Doutorado em educação) – Faculdade de educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

RAMA, Ângela; VERGUEIRO, Waldomiro. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2006.

RAMOS, Paulo. É possível ensinar oralidade usando histórias em quadrinhos? Intercâmbio. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem**, v. 15, 2006.

RAMOS, Paulo. **Tiras no Ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

ROIPHE, A; FERNANDEZ, M. A (org.). **Gêneros textuais: Teoria e Prática nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental**. Rio de Janeiro: Rovel, 2011.

ROMAN, E. R; STEYER, V. E. **A criança de 0 a 6 anos e a educação infantil: um retrato multifacetado**. Canoas: ULBRA, 2001.

SANTOS, Carmi Ferraz; MENDONÇA, Márcia; CAVALCANTE, Marianne CB. **Diversidade textual: os gêneros na sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SANTOS, R. E. **Aplicações da história em quadrinhos**. São Paulo: Comunicação & Educação, 2001.

SILVA, Marta Regina Paulo. **Linguagem dos Quadrinhos e Culturas Infantis: “é uma história escorridinha”**. 2012. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas, 2012.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. São Paulo: Autêntica 1999.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. 6.ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SOUZA, S. B. **Cenas do cotidiano escolar: o “savoir-faire” dos professores dos anos iniciais no ensino da língua escrita e nos usos do escrito no Brasil e na França**. 2016. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, 2016.

VIGOTSKY, Lev. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

Recebido em: 05/08/2020  
Parecer em: 11/08/2020  
Aprovado em:11/08/2020